

# TEXTOS-FRAGMENTOS: LER, ESCREVER E VIVER ENTRE LÍNGUAS DE/EM SYLVIA MOLLOY

**Text-fragments: reading, writing and living  
between languages of/in Sylvia Molloy**

## **Luciana Alves Pereira**

Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil. Bacharel em Letras – Português/Italiano e respectivas literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora bolsista IC FAPERJ.  
E-mail: [luciana.alves.letras@gmail.com](mailto:luciana.alves.letras@gmail.com)  
ORCID iD: 0000-0002-5587-4907

## **Ieda Magri**

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Professora associada do Departamento de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora do CNPq.  
E-mail: [iedamagri@yahoo.com.br](mailto:iedamagri@yahoo.com.br)  
ORCID iD: 0000-0002-4809-3811



**RESUMO:** Este texto explora o estudo de *Viver entre línguas* (2018), da escritora argentina Sylvia Molloy, volume da Coleção Nos.Otras, corpus do trabalho vinculado à pesquisa Literatura brasileira e latino-americana: questões de inserção no cenário contemporâneo. Nos.Otras é dedicada a escritoras brasileiras e latino-americanas de diferentes origens, trajetórias e estilos narrativos, e tem se firmado como um lugar da literatura contemporânea latino-americana no Brasil. A metodologia combinou leitura e pesquisa bibliográfica sobre obra e autora. Ler *Viver entre línguas* nos desconstrói (Derrida, 2001), demanda o aprofundamento da inespecificidade da literatura contemporânea pós-autônoma (Ludmer, 2010; Garramuño, 2014; Azevedo, 2017), na qual as fronteiras entre gêneros se tornam fluidas, mesclando ensaio, anotação, autobiografia, ficção. Este texto ensaia Molloy, o desejo de escrever com(o) ela sobre o autobiográfico, a forma-conteúdo, a anotação como procedimento, língua(s), herança, identidade. São 34 partes que desafiam convenções temporais e criam uma “escrita de si” que oscila entre o íntimo e o político. São textos-fragmentos que montam uma história pessoal, familiar e profissional, das versões professora, crítica literária, filha, neta, irmã, mulher. Molloy discute a hierarquização de línguas e como elas podem se tornar arma de tortura e violência. *Viver entre* as obras de Molloy é passear por uma escrita que ensaia e romanceia. Ela nos convida a refletir sobre as histórias das nossas línguas, de países latino-americanos onde a disputa por uma língua única ocorreu por meio de apagamentos e/ou destruição de outras línguas, criando uma superioridade de uma sobre a outra, essa outra, a língua de casa.

**Palavras-chave:** Literatura latino-americana; literatura argentina; contemporâneo; Sylvia Molloy; inespecificidade.

**ABSTRACT:** This text explores the study of *Living Between Languages* (2018), by Argentine writer Sylvia Molloy, a volume of the Nos.Otras Collection, corpus of work linked to the research Brazilian and Latin American Literature: Issues of Insertion in the Contemporary Scene. Nos.Otras is dedicated to Brazilian and Latin American writers of different origins, trajectories, and narrative styles, and has established as

<sup>1</sup> O presente artigo faz parte do projeto de pesquisa mencionado, que conta com o apoio da FAPERJ no

a place for contemporary Latin American literature in Brazil. The methodology combined reading and bibliographical research on the book and author. Reading *Living Between Languages* deconstructs us (Derrida, 2001), requires a understanding of the nonspecificity of post-autonomous contemporary literature (Ludmer, 2010; Garramuño, 2014; Azevedo, 2017), in which the boundaries between genres become fluid, mixing essays, notes, autobiography, and fiction. This text essays Molloy, the desire to write with (like) her about the autobiographical, the form-content, the annotation as a procedure, language(s), heritage, identity. There are 34 parts that defy temporal conventions and create a “writing of the self” that oscillates between the intimate and the political. They are texts-fragments that assemble a personal, family and professional history, from the versions of teacher, literary critic, daughter, granddaughter, sister, woman. Molloy discusses the hierarchy of languages and how they can become a weapon of torture and violence. *Living among* Molloy’s books is to stroll through a writing that essays and romanticizes. She invites us to reflect on the histories of our languages, of Latin American countries where the dispute for a single language occurred through the erasure and/or destruction of other languages, creating a superiority of one over the other, this other, the language of the home.

**Keywords:** Latin American literature; Argentine literature; contemporary; Sylvia Molloy; nonspecificity.

## 1 Cena de enunciação: do todo

O estudo do livro *Viver entre línguas* da escritora argentina Sylvia Molloy, lançado em 2015 pela editora argentina Eterna Cadencia e traduzido para o português em 2018, por Mariana Sanchez e Julia Tomasini, é uma das etapas da investigação que tem como corpus as publicações da coleção Nos.Otras, da Relicário Edições, e está vinculada à pesquisa Literatura brasileira e latino-americana: questões de inserção no cenário contemporâneo<sup>1</sup> (Magri, 2023). Tal investigação abrange o texto

Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE), bolsa de IC, CNPq e Prociência/UERJ.

literário, prioritariamente, e o olhar da crítica e de pesquisadoras(es) sobre ele. Envolve também os diálogos possíveis e/ou existentes entre escritoras(es) brasileiras(os) e hispanofalantes, o aprofundamento sobre o contemporâneo e a literatura pós-autônoma, a indefinição das margens entre o real e a ficção, os novos modos e gêneros de escrita literária. Nos.Otras se insere nesse contexto. Suas publicações dialogam diretamente com temas como identidade, deslocamento, memória e ficção. A coleção é dedicada a escritoras brasileiras e latino-americanas de diferentes origens, trajetórias e estilos narrativos. Somado a isso, evidencia o caráter inespecífico da literatura contemporânea, na qual as fronteiras entre gêneros se tornam fluidas, mesclando ensaio, anotação, autobiografia, ficção.

O contato com as obras da Nos.Otras faz emergir a noção de dobra deleuzeana (Deleuze, 1991), ativa o modo rizomático de pensamento (Deleuze e Guattari, 1995), e nos desconstrói (Derrida, 2001), ao nos fazer problematizar as relações hierárquicas e os conceitos binários de dentro/fora, corpo/mente, fala/escrita, presença/ausência, forma/sentido, e

[...] marcar o afastamento entre, de um lado, a inversão que coloca na posição inferior aquilo que estava na posição superior, que desconstrói a genealogia sublimante e idealizante da oposição em questão e, de outro, a emergência repentina de um novo 'conceito', um conceito que não se deixa mais – que nunca se deixou – compreender no regime anterior (Derrida, 2001, p. 48-49).

Essa é a cena para a pesquisa sobre a coleção Nos.Otras. Até 2024, a coleção contava com sete volumes: de 2018, Viver entre línguas, da

escritora, ensaísta e crítica literária argentina, radicada nos Estados Unidos, Sylvia Molloy; de 2019, Tornar-se palestina de Lina Meruane, escritora chilena, descendente de palestinos e residente em Nova Iorque; dois de 2020: E por olhar tudo, nada via, da romancista e ensaísta mexicana Margo Glantz; e O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim, da escritora brasileira nascida no Chile, Carola Saavedra; de 2022, A irmã menor: um retrato de Silvina Ocampo, de Mariana Enriquez, jornalista e escritora argentina; e de 2024, duas publicações: Posta-Restante, de Cynthia Rimsky, chilena, escritora e professora da Universidad Nacional de las Artes, em Buenos Aires; e 38 estrelas: a maior fuga de um presídio de mulheres da história, de Josefina Licitra, jornalista, escritora e roteirista argentina. Sete livros, quatro nacionalidades, sete escritoras que, ao não se deixarem classificar pelo molde canônico eurocêntrico, afirmam-se no lugar decolonial da escrita latino-americana contemporânea.

## 2 Da parte: síntese ao modo acadêmico

Ainda pouco traduzida no Brasil, Molloy é pesquisada por sua produção crítica e ficcional – seu modo de “ensaiar a escrita, escrever a vida”, como sugeriu Mariana Pires Santos (2019a), em pesquisa na qual, ao referenciar diferentes obras da autora, identificou “que sua escrita se forja a partir de um entrelugar – provisório, precário, instável – a partir do qual, com insistência, ela pergunta sobre si e, ao mesmo tempo, indaga sobre o outro” (p. 5).

Viver entre línguas é composto por 34 textos de tamanhos variados: são como fragmentos que nos conduzem a montar uma história (um enredo? Uma narrativa?) de vida pessoal, familiar e profissional de um “eu” feminino, em

seus múltiplos papéis sociais: escritora, professora, pesquisadora, crítica literária, filha, neta, irmã, sobrinha, amiga, mulher latino-americana que viajou por lugares nos quais as línguas espanhola, inglesa e francesa circulavam, onde “cada idioma passou a ocupar espaços diferentes, colorindo-se de afetividades diversas, talvez desencontradas” (Molloy, 2018, p. 7). Enquanto escreve, essa personagem em primeira pessoa interroga fronteiras, discute identidade e tradução, reflete sobre as dificuldades pelas quais passam as pessoas que falam mais de uma língua, pensa sobre o seu (possível) futuro na senilidade. Ler *Viver entre línguas* nos faz refletir, também, sobre a trajetória das nossas línguas, as nossas memórias, as nossas histórias, as nossas escritas.

Deste ponto em diante, intentamos experimentar a ideia de escrever com(o) ela, a escrita de textos-fragmentos, um modo de homenagem póstuma e um agradecimento.

### 3 De fora para dentro

Disse uma vez alguém convidado a escrever a orelha de um livro, acerca da sua imensa responsabilidade: primeiro, a capacidade de síntese textual exigida pelo espaço; depois, porque não eram poucas as pessoas que escolhiam um livro com base na leitura dessa parte ou do texto da contracapa. Talvez essa seja uma forma de começar a ler um livro: de fora para dentro, uma preparação, como quem escolhe uma poltrona confortável e uma luz adequada para leitura.

Há livros que são apresentados na contracapa com um excerto do próprio texto, simplesmente. A edição brasileira de *Viver entre línguas* foi primorosa nesse sentido, ao

dizer que as(os) leitoras(es) encontrariam: “uma mulher [que] narra memórias e anedotas de sua vida enquanto reflete sobre língua, linguagem, plurilinguismo”. Um convite interessante, podemos dizer. Concluída a leitura, percebemos o quão modesto foi: suas 59 páginas se abrem para uma inesgotável fonte de saberes e poderes sobre o tema.

### 4 Modo *desejo* ativado

Ao conhecer um(a) novo(a) escritor(a), há quem tenha um modo peculiar de se relacionar com o fato: aciona o interruptor que ativa sua “máquina desejante”, com “seu poder de conexão ao infinito, em todos os sentidos e em todas as direções” (Deleuze e Guattari, 2010, p. 514). Guiada pelo desejo, começa insistentemente a pesquisar tudo sobre autor(a) e todas as suas obras. Molloy, pelo testemunho que deixou em seu livro *Citas de lectura* (2017), parecia ser assim.

Com Molloy, após a leitura de *Viver entre línguas*, foi ato contínuo – e as facilidades da ferramenta de busca na Internet somente contribuí com esse estado de ativação –, uma nova pasta é criada e nomeada: “Pesquisa MOLLOY”; novo documento word é aberto: “*Viver entre línguas* (pesquisa)”. Desde então, uma nova coletânea é organizada, em mais de uma língua, com artigos científicos, revistas (uma delas inteiramente dedicada a ela), produtos finais de pós-graduação, entrevistas, matérias de sites, blogs e jornais e, principalmente, os outros livros dela.

Este é um texto de iniciação sobre ela. Não basta ler *Viver entre línguas*, o desejo ativado quer conhecer suas outras formas, embriagar-se com seus conteúdos. A análise do conjunto dessa coletânea sobre obras e escritora nos faz

destacar temas relevantes: o autobiográfico, a forma que é conteúdo, a anotação como procedimento, língua, herança, identidade; um modo de escrever e viver entre línguas de/em Sylvia Molloy.

## 5 Forma é conteúdo

Avatares de la palabra escrita – assim começa o longo título do artigo de María Victoria Rupil, seu estudo a partir de três obras definidas como “casos exemplares”: La novela de la poesía de Tamara Kamenszain; La novela luminosa de Mario Levrero; e Desarticulaciones, de Molloy. Sua hipótese: “la notación como posibilidad narrativa y como manifestación del deseo de escribir” (2015, p. 209). Ainda que não se refira ao volume da coleção Nos.Otras, sua reflexão sobre a escrita de Molloy coube também à análise de Viver entre línguas, a exemplo do excerto:

El deseo de escribir propicia la experiencia de la escritura y subvierte los límites de género, ya que el fragmento como forma, la contaminación de discursos, el deseo de asir el presente y la emergencia de la memoria involuntaria confluirán como motivo primero del acto de escribir (...) (RUPIL, 2015, p. 213).

Ancorada, entre outros, em Maurice Blanchot e Roland Barthes, Rupil nos ajuda a pensar as marcas dessa literatura cujos textos “diluyen los límites entre géneros y que sitúan la subjetividad (...) en el centro del relato”; e, afinal, “anuncian y escriben ‘el libro por venir’, que no es otro que aquel que surge mientras se escribe, mientras se lee. Anotar para no olvidar, pero también para ensayar formas otras de literatura” (Id., p. 236-237).

Ensaíar a escrita, escrever a vida, escrever o presente, anotar para não esquecer, dando origem a uma narrativa que desafia convenções temporais, ao mesmo tempo que se presentifica. Essa talvez seja a razão de, na leitura de Viver entre línguas, ser perceptível uma espécie de não preocupação com (a atualização dos) tempos verbais, de modo completamente aleatório, causando como efeito um situar do(a) leitor(a) no presente da escrita mesmo quando se fala de um passado longínquo. Explicamos: no texto “Romance familiar” (Molloy, 2018, p. 8), ela conjuga os verbos no passado ao contar sobre a avó: “falava mal o espanhol”, “ficava aflita”, “morreu quando”, “em que idioma falei”. Por outro lado, no texto imediatamente seguinte, “Aprendizados” (p. 9-10), os verbos estão no presente quando fala sobre sua mãe: “impõe o espanhol”, “minhas tias são”, “eu sinto vergonha”, “fico irada”, “não sei quando ela”. No texto “Excessos bilíngues” (p. 32-33) ela escreve “Ontem falei com uma amiga de Paris” (grifo nosso). Anotações de um diário? Trechos de uma crônica?

Essa dança temporal desconstroí a leitura e coloca os textos num espaço supratemporal. Não é linear e não é circular. Como consequência, provoca a curiosidade e nos faz tentar “adivinhar” quais anotações já existiam e quais foram escritas ao montar o livro; há um trabalho árduo e intrínseco de autoria para a organização/escrita dos 34 textos-fragmentos de Viver entre línguas que não se deixa revelar ou definir, porque, ao que parece, essa é justamente a estética de Sylvia Molloy, o seu “entre gênero”, de difícil enquadre. Sua forma-conteúdo.

## 6 Diferentes modos de anotar

A anotação como possibilidade narrativa foi discutida por Luciene Azevedo (2017), em mais de uma ocasião, trazendo para a cena as noções de literatura pós-autônoma, a partir do diálogo com Josefina Ludmer (2010); de inespecificidade da arte contemporânea (Garramuño, 2014), ao falar sobre diluir “os limites entre a ficção e a realidade, a vida e a arte, o autor e o narrador, a arte e a não-arte”; e da estética da “anotação como um procedimento provocador”, um modo de rearranjo das formas de composição narrativa (Azevedo, 2017, p. 500).

No texto “A inespecificidade do romance e a anotação”, Azevedo teoriza a anotação tendo como referência o autor catalão Enrique Vila-Matas, particularmente nos seus livros *Kassel* no invita a la lógica, de 2014, e *Marienbad Eléctrico*, de 2015 que, segundo ela, “são verdadeiras performances” que a crítica não consegue classificar em uma “categoria estável” (Id., p. 503). Seriam um “caderno de notas”, um “diário”, um “ensaio”, um “conjunto de crônicas”?

Partindo da anotação como expansão da forma romanesca, Azevedo (Id., p. 502) disse existir uma “encenação do eu autoral e a valorização do (...) episódico, (...) pequenos grumos narrativos, que valorizam o aleatório em detrimento da coerência sequencial e infiltram a desconfiança sobre o caráter literário da narração”. Ela se referia aos livros de Vila-Matas; tomo seu argumento para compreender a escrita de Molloy, ainda que diferentes em sua forma: em um dos livros dele (*Kassel*), suas anotações são mais longas se comparadas com as de Molloy, e não são intituladas, apenas numeradas de 1 a 70. Azevedo descreve também um efeito de leitura em Vila-Matas que se assemelha ao de *Viver entre línguas*: “o leitor é convidado para uma conversa sobre (...)” (p. 509). Em outro momento, diz sobre

“um convite ao leitor para que acolha o procedimento, aquiescendo à proposta de participar do que parece precário, desconexo, à deriva” (p. 511-512). Conclui que “embora tudo pareça ruína, já é construção”; uma ambiguidade (de escrita, de gênero, de narrativa) do que parece o processo, mas já é a obra, assim como em *Viver entre línguas*.

A título de curiosidade, ou de conexão investigativa, Molloy e Vila-Matas escreveram juntos o livro [escribir] *PARÍS*, publicado em 2012 pela Brutus Editoras.

## 7 Autobiográfico de/em Sylvia Molloy

Lygia Schmitz, em seu texto “A escrita de si em Sylvia Molloy: um ato de leitura ou a memória em ruínas”, pesquisou duas de suas obras: *Vale o Escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*, traduzida para o português em 2003, e *Desarticulaciones*, de 2010, publicada no Brasil em 2022 pela Editora 34. Nesta última, a escritora reflete “sobre a experiência desarticuladora por que passa sua amiga” (2017, p. 69) e questiona sua “memória na escrita autobiográfica, mostrando os limites de se ler uma vida quando o objeto de escrita (a memória) está em ruínas” (p. 63). Schmitz acrescenta:

não há intenções confortantes ou exemplares, mas ironia e mesmo alegria na dor; e a memória como detentora de uma verdade inquestionável que dá bases sólidas ao escrito autobiográfico se desfaz, pela própria experiência do Mal de Alzheimer (p. 72).

Decidimos ler *Desarticulaciones*. Na forma, assemelha-se ao *Viver entre línguas*. São 45 textos breves que ocupam de meia página até o

máximo de uma página e meia. Quanto ao conteúdo, sua leitura provoca a mesma reação: são textos-fragmentos que narram uma história: como num conto? Talvez uma novela. Schmitz o classificou assim:

O romance de Molloy (...) constitui-se, portanto, como um texto híbrido, cujas margens autobiográficas e ficcionais se contaminam, revelando-se, sobretudo, como um lugar de trabalho crítico e reflexivo de Molloy acerca tanto da escrita criativa, como mais especificamente, da escrita de si (p. 72).

Como crítica literária, Molloy discute o tema ao refletir sobre o livro *Recuerdos de provincia*, a autobiografia do argentino Domingo Faustino Sarmiento, ao dizer que:

considerar que este manipuleo es ‘ficción’, por oposición a una ‘verdad’, supone que existe, a priori, una verdad que se está manipulando (...). Esta mezquina concepción es por supuesto ilusoria, ya que la autobiografía, como todo ejercicio de escritura, pasa inevitablemente por la mediación del lenguaje (1997, p. 66).

## 8 Livro sobre Nada

O tema autobiografia nos trouxe à memória um conhecido excerto do poema “As lições de R.Q.” de Manoel de Barros (1996, p. 75), publicado no Livro sobre Nada:

(...)

O olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

(...).

O poema está na quarta parte, chamada “Os Outros: o melhor de mim sou Eles”, que começa com uma nota sobre Rômulo Quiroga (o R. Q. do poema), um pintor boliviano que o poeta diz ter conhecido numa aldeia próxima à Corumbá, fronteira do Brasil com a Bolívia. Ele disse: “Era um artista iluminado e um ser obscuro”, que inventava suas próprias tintas a partir da vegetação local e pintava sobre sacos de aniagem. Certa vez pintou um ancião de cara verde: disse que sua cor era “psíquica” e suas formas “incorporantes”. O poeta conectou Quiroga e Picasso e viu “latejar rudemente nos seus traços [de R.Q.] milagres de Klee” (Id., p. 74). Contou que aprendera com ele: “A expressão reta não sonha. / Não use o traço acostumado. / A força de um artista vem das suas derrotas.” (p. 75). Do ponto de vista da poética manoelina, poderia-se dizer que Sylvia Molloy transvê sua autobiografia.

Bastidores de uma poesia: uma breve pesquisa sobre <romulo quiroga pintor boliviano> nos apresentou resultados relacionados ao poema e nada sobre ele, até encontrar o artigo: “Rômulo Quiroga na galeria dos pintores modernos: conjunção entre poesia e pintura na poesia de Manoel de Barros”, de Helvio Henrique de Campos (2014). Eis que: “Rômulo Quiroga, segundo menção em entrevista dada por Barros (...) é inventado, à luz de seu nome bacana, e da passagem do poeta pela aldeia boliviana de Chiquitos (...)”; ele “era, antes de tudo, a influência do cotidiano, do ínfimo, do terceiro mundo, do latino-americano, do trabalhador, e, mais especificamente, do pintor de paredes, que é figura destituída de arte, em uma visão preconceituosa”. Manoel de Barros transvê o cotidiano em sua poesia, sua forma de escrita autobiográfica.

## 9 Língua(s): fala caseira, identidade, violência

As anotações de Molloy sobre sua infância e adolescência num país sul-americano colonizado por europeus nos são familiares. Não somente a Argentina, mas todo o continente carrega essa marca linguística. Molloy traz em sua genealogia uma raiz francesa e outra irlandesa, essa última de seu pai, que estabeleceu o inglês para falar com as filhas argentinas. Para a avó paterna, a língua inglesa usada pelos seus descendentes era a manutenção da própria identidade. A mãe, por algum motivo, não aprendeu o idioma de seus antepassados, permanecendo “monolíngue”, em que pese sua tentativa de aprender, sem sucesso, o inglês que as filhas falavam com fluência. Molloy e sua irmã estudaram em colégio bilíngue (o colégio “inglês”), no qual havia uma rígida divisão: obrigatoriamente, o inglês deveria ser utilizado durante as manhãs, punindo-se com advertência quem fosse pego falando a outra língua, o espanhol, a de casa. Enquanto fala de sua história, Molloy discute o papel da língua na formação e na afirmação de uma identidade; convida e provoca o(a) leitor(a) a resgatar sua própria história, em especial porque somos de países latino-americanos, onde a disputa por uma língua única, nacional ou oficial, ocorreu por meio de apagamentos e/ou destruição de línguas nativas e imigrantes, criando uma espécie de hierarquia de uma língua sobre a outra.

Lemos em “Cruzamentos bilíngues” (Molloy, 2018, p. 26) sobre o massacre de haitianos que queriam cruzar a fronteira dominicana, orquestrado por um governo ditatorial: em 1937, numa “tentativa absurda de limpar o país de indesejáveis” haitianos, os que passavam pela fronteira eram submetidos a um pedágio linguístico: deveriam dizer perejil (salsinha, em espanhol). Os haitianos, de língua francesa

por colonização, eram denunciados de imediato, em razão do erre gutural característico e da dificuldade na pronúncia do jota espanhol. A entrada lhes era negada, ou eram assassinados.

Lemos sobre a “Violência” que sofreu a esposa de Jules Supervielle, “sujeito bilíngue uruguaio-francês”, segundo Molloy (2018, p. 38). Supervielle estabeleceu o francês como língua doméstica, língua essa que sua esposa, também uruguaia, “falava com muitíssimo esforço, como se se violentasse, não era ela mesma”, dizia.

Em seu ensaio, Mariana Pires Santos (2019b, s/p) escreveu sobre “O monolingüismo brasileiro, depois de Sylvia Molloy”, afirmando que

vivemos em um país decididamente monolíngue. Apesar dos milhares de quilômetros de fronteiras que compartilhamos com países hispanohablantes, das cerca de 150 línguas indígenas faladas em nosso território e das mais de 50 línguas de imigração que aqui estão presentes, nossa Constituição Federal é explícita ao reconhecer o português como nossa única língua oficial.

A autora contou sua história como estudante pernambucana que viajou o Brasil e conheceu outras formas de se falar o português, seja pelo acento local/regional, seja por certos vocábulos e suas variações, a exemplo de macaxeira, aipim e mandioca, confirmando a nossa diversidade linguística. Disse que se sentiu menos monolíngue depois de ler *Viver entre línguas*. Há, em sua reflexão, uma mistura entre os diferentes falares do Brasil e o fato de que coexistem no país centenas de línguas indígenas e de imigração não reconhecidas oficialmente, sequer como dialetos. Entre elas,

o Talian, língua relacionada à história de imigrantes italianos, uma língua de herança.

## 10 As nossas histórias: uma língua de herança

O Brasil se formou também como um país de imigrantes. Por exemplo, no final do século XIX, com a abolição da escravatura (1888) e a proclamação da República (1889), começou a imigração de italianas e italianos vindos, em grande parte, do nordeste da Itália, atraídos pela oferta de terras e trabalho (e ligado a um projeto eugenista da população). Não somente da Itália, mas também da Alemanha e outros países europeus e asiáticos.

Parte da imigração italiana escolheu o sul do Brasil, pelo clima semelhante ao de sua região de origem. Vieram para trabalhar na agricultura, inclusive as crianças, e falavam entre si em italiano, melhor dizendo, na língua regional. As milhares de famílias de imigrantes italianos que vieram para o Brasil trouxeram o legado linguístico de suas respectivas regiões, línguas que hoje são chamadas de dialetos. Italianas e italianos nascem bilíngues: falam uma língua em casa, um dos dialetos, oficialmente reconhecidos, além da língua italiana standard, ou seja, a língua contemporânea. Essa língua padrão foi imposta pelo governo fascista de Mussolini entre os anos de 1922 e 1945, como estratégia de controle e unificação do país.

De acordo com o Projeto Talian (Universidade, s/d, s/p), desenvolvido na Universidade Federal de Santa Maria-RS, “apenas 2,5% da população italiana unificada” falava a língua italiana standard no ano da unificação. Por essa razão, os imigrantes aqui chegados carregavam suas línguas regionais e, por consequência,

Em terras gaúchas, nas colônias de imigração, os imigrantes das diferentes regiões precisavam se comunicar entre si. Desta forma, em função da maioria dos imigrantes serem vênnetos, surge o Vêneto Brasileiro, também conhecido como Talian, variante brasileira da Língua Vêneta do nordeste da Itália, com influências gramaticais do processo de imigração e da Língua Portuguesa local.

Nossos ascendentes italianos eram bilíngues, possivelmente: nasciam brasileiras(os) com o Talian como a língua de casa, e aprendiam o português, a língua do país. Muitos deles começaram a falar português quando tinham acesso tardio à escola, aos 12 ou 13 anos. Ambas as línguas passaram a conviver, e o Talian, simbolicamente, tornou-se uma forma de herança e manutenção dos laços com a origem europeia dessa linhagem de brasileiras(os).

## 11 Línguas caladas à força da lei

O cotidiano bilíngue dos descendentes de italianos, alemães e japoneses mudou drasticamente por causa da 2ª Guerra Mundial (1939-1945), na qual Alemanha, Itália e Japão eram os países do Eixo, em oposição ao bloco dos países aliados, do qual fez parte o Brasil. Por isso, descendentes de imigrantes dos países do Eixo, que vieram décadas antes do conflito mundial, foram hostilizados e tratados como inimigos, mesmo sendo brasileiras(os) natas(os). As línguas de casa, a exemplo do Talian, tornaram-se uma língua perigosa, incriminadora. O governo ditatorial de Getúlio Vargas, ao declarar guerra contra os países do Eixo em 1942 (Esteves, 2020), decretou:



Figura: Notificação obrigatória aos estabelecimentos comerciais e repartições públicas. © FOTO / ACERVO EDILBERTO LUIS HAMMES.

Rememoramos as histórias de nossos avós, e do que contavam sobre as muitas vezes que tiveram de se esconder embaixo das camas brasileiras durante a guerra do lado de lá do oceano. O medo de se esquecerem e de começarem a falar na língua proibida. Em razão desses acontecimentos, por muito tempo, descendentes de italianos, alemães e japoneses, em sua maioria, não tiveram a oportunidade de herdar a língua de seus antepassados. Ela passou a ser uma língua da intimidade, falada entre os adultos, semelhante ao que nos contou Molloy (2018, p. 50-51) sobre o escritor Elias Canetti, poliglota, no texto “A língua do pai”: “A intimidade do casal se dá em alemão, língua literalmente vedada ao filho”. Isso aconteceu com muitas famílias no Brasil. Porém, diferentemente do que ocorreu com o escritor, aos descendentes brasileiros, de modo arbitrário, foi-nos tirada a oportunidade de herdar uma língua.

Ao lermos “Perda” (Id., p. 11), resta a curiosidade: o que terá acontecido com a mãe

da escritora, que não aprendeu a falar o francês de seus pais? Por qual motivo, naquela família de onze irmãos, na qual somente os três mais velhos herdaram a língua dos pais, o francês teve de ser “escondido no armário”?

Quanto à pergunta que Molloy se faz no texto “Ecolalias” (Id., p. 22), acerca do seu futuro na senilidade como pessoa bilíngue, compartilhamos uma experiência: uma avó gaúcha, descendente de italianos, no seu último ano de vida, acamada, sem conseguir reconhecer os seus, passava as tardes conversando na língua primeira – aquela que aprendera a falar enquanto arava a terra em criança – com suas irmãs, que estavam, na verdade, a mais de 1000 quilômetros de distância, testemunhou seu filho. Essa é uma simplificação da história, uma anotação sobre o tema, uma memória familiar evocada ao ler Molloy.

## 12 Leitoras de Clarice

Descobrimos que Sylvia (intimidade?) é leitora de Clarice (intimidade!) ao lermos uma análise que Graziela Speranza faz do livro *Citas de lectura*, que Molloy publicou em 2017. Speranza (2017, s/p) usa o termo “autobiografía oblicua” para falar da sua escrita, dizendo que nesse livro a escritora confessa o que não leu e resgata suas leituras marginais e clandestinas, além de preferir saber do(a) escritor(a) como pessoa antes de lê-lo(a). Foi a última publicação de Molloy e não há tradução para o português. Esse também é um livro composto de textos curtos, como *Viver entre línguas* e *Desarticulaciones*. Num deles, a descoberta:

Así, por lo menos creía recordar “Bliss”. Lo releí hace poco, lo encontré demasiado

explícito, hasta ripioso. Lo recordaba sutil, con un desenlace – el descubrimiento de que el marido tiene una relación con la mujer de quien ella misma, sin saberlo del todo, está enamorada – parecido a esos finales de Clarice Lispector donde la pérdida de la ilusión hace que el personaje vuelva a su enajenación habitual. “La imitación de la rosa”, pongamos por caso. Y pienso también, con cierta trepidación: ¿llegará el momento en que relea los cuentos de Clarice y ya no me impresionen? (Molloy, 2017, p. 28).

São anotações sobre suas releituras, reforçando a ideia de que ler é reler. No fragmento “J’écris ma lecture” (Molloy, 2018, p. 13-14), ela diz que sabia que iria escrever desde menina e conta sobre suas leituras dessa época, suas experiências em inglês, espanhol e francês. O título fala por si.

### 13 Desimportâncias

Sylvia Molloy nasceu em 29 de agosto, sob o signo de Virgem. Dizem os espertos no assunto que pessoas desse dia são observadoras e curiosas, combinação que ajuda a fazer julgamentos corretos, pois nada no ambiente parece escapar ao seu escrutínio cuidadoso. Mudou-se para a França aos 20 anos de idade, tornou-se doutora em Literatura Comparada pela Sorbonne. Voltou para a Argentina, mas na ocasião não teve seu diploma francês convalidado. Por esse motivo, aceitou as oportunidades que recebeu para estabelecer-se nos Estados Unidos, lecionou nas universidades de Yale e Princeton. Criou em 2007 o mestrado em escrita criativa em espanhol na Universidade de Nova York. Antes disso, esteve em Paris em maio de 68. Faleceu em 14 de julho de 2022, nos Estados Unidos.

Seu romance *En breve cárcel*, de 1981, é reconhecido como um dos primeiros a tratar da homossexualidade na literatura argentina, desta vez, com a perspectiva de uma mulher. No romance, a personagem – apresentada sem um nome – é escritora e tradutora. A obra foi publicada primeiro na Espanha, pois não teve boa recepção na Argentina da época dessa publicação.

### 14 Pós-tudo, à maneira de considerações finais

Em *Viver entre línguas*, Sylvia Molloy constrói uma obra que transcende as categorias literárias tradicionais e não se deixa classificar. Apresenta uma escrita fragmentária que reflete a complexidade da experiência humana entre idiomas, memórias e fronteiras. Seus textos desafiam as convenções de gênero e nos convidam à desconstrução. Ao mesclar o íntimo e o político, Molloy não apenas nos conta sua própria história, mas também ilumina questões mais amplas sobre identidade, pertencimento e resistência na América Latina, continente de grande pluralidade linguística.

A análise de *Viver entre línguas* e a coletânea de textos sobre outras obras de Molloy e de investigações sobre a escritora, nos permitiram o deslocamento de noções fixas e binárias, ao mergulhar na subjetividade do “eu” que conta sua história. Seus textos-fragmentos revelam uma escrita que é, acima de tudo, um ato de tradução contínua: da memória para a escrita, de uma língua para outra, do real para a ficção. *Viver entre línguas* não é apenas uma reflexão sobre língua, linguagem e plurilinguismo, mas um manifesto sobre a possibilidade de existir no entremeio, o entrelugar no qual a língua pode se tornar tanto um lar, quanto um campo de batalha.

Molloy também nos convida a pensar o lugar da literatura latino-americana contemporânea, pela sua competência em subverter narrativas hegemônicas e abrir espaços para vozes marginais. Assim, este texto se encerra com o reconhecimento da contribuição singular de Sylvia Molloy: uma literatura que, ao habitar as dobras entre línguas e culturas, reafirma a potência da memória, do fragmento, da incerteza como formas de escrita e (re)invenção de si.

## Referências

- AZEVEDO, Luciene. A inespecificidade do romance e a anotação. In: WERKEMA, Andréa S. et al. (Orgs.) **Conversas sobre literatura em tempos de crise**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2017, p. 498-516.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1996.
- CAMPOS, Helvio Henrique de. Rômulo Quiroga na galeria dos pintores modernos: conjunção entre poesia e pintura na poesia de Manoel de Barros. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 15, n. 30, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10214>. Acesso em: 4 out. 2021.
- DELEUZE, Gilles. **A dobra – Leibniz e o barroco**. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. **Posições**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.
- ESTEVEVES, Ana Livia. É proibido falar: como a 2ª Guerra Mundial impactou japoneses e italianos no Brasil? Publicada em 29 maio 2020. **Sputnik Brasil**. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/75-victory/2020052915636149-e-proibido-falar-como-a-segunda-guerra-mundial-impactou-japoneses-e-italianos-no-brasil/>. Acesso em: out. 2021.
- GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea**. Tradução: Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- LUDMER, Josefina. **Aqui, América Latina**. Una especulación. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2010.
- MAGRI, Ieda. **Da dificuldade de nomear a produção do presente: literatura latino-americana contemporânea**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2023.
- MOLLOY, Sylvia. **Viver entre línguas**. Tradução: Mariana Sanchez e Julia Tomasini. Belo Horizonte: Relicário, 2018.
- MOLLOY, Sylvia. **Citas de lectura**. Buenos Aires: Ampersand, 2017.
- MOLLOY, Sylvia. **Ficciones de la autobiografía**. Vuelta, México, D.F., v. 21, n. 253, dezembro 1997. p. 65-68. Disponível em: <https://www.letraslibres.com/vuelta/ficciones-la-autobiografia>. Acesso em: set. 2021.
- RUPIL, María V. Avatares de la palabra escrita: la notación como posibilidad narrativa. Una lectura de Levrero, Molloy y Kamenszain. **Caracol**, [S. l.], n. 10, p. 208-239, 2015. DOI: 10.11606/issn.2317-9651.v0i10p208-239. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/106901>. Acesso em: 1 out. 2021.
- SANTOS, Mariana Pires. **Ensaia a escrita, escrever a vida**. A produção crítica e ficcional de Sylvia Molloy. 2019a. 119 f. Dissertação (Mestrado

em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019a. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-02122019164903/publico/2019\\_MarianaPiresSantos\\_VOrig.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-02122019164903/publico/2019_MarianaPiresSantos_VOrig.pdf). Acesso em: jul. 2021.

SANTOS, Mariana Pires. O monolinguismo brasileiro, depois de Sylvia Molloy. **Revista Continente**, publicado em 01 jan. 2019b. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/217/o-monolinguismo-brasileiro--depois-de-sylvia-molloy>. Acesso em: jul. 2021.

SCHMITZ, Lygia B. de A. A escrita de si em Sylvia Molloy: um ato de leitura ou a memória em ruínas. **Revista Entrelaces**, v. 2, n. 9, jan.-jun., 2017. p. 63-75. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/9309/0>. Acesso em: jul. 2021.

SPERANZA, Graciela. El libro de la semana: “Citas de lectura”, de Sylvia Molloy, publicada em: 10 nov. 2017. **Télam digital**. Disponível em: <https://www.telam.com.ar/notas/201711/221520-libro-semana.html>. Acesso em: set. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Projeto Talian** – UFSM/CTISM. Disponível em: <https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/ctism/talian-lingua-talian/>. Acesso em: out. 2021.